

**educação ambiental em essência:
ler para uma criança é revolucionário**

**environmental education in essence:
reading for a child is revolutionary**

Claudia Parucce Franco Okamoto

Educadora ambiental

Plantare Educação

São Caetano do Sul, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6495-3200>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17503431>

Resumo: As transformações profundas das revoluções agrícola, industrial e digital ainda são sentidas por nós. Mas, diante dos desafios da desinformação, da crise ambiental e da desumanização das relações, precisamos de uma nova revolução: a da Leitura e da Escrita. Ler e escrever são conquistas extraordinárias da espécie humana. Nenhum outro animal desenvolveu essas habilidades. Contudo, essa capacidade incrível tem perdido espaço na era digital, e um dos motivos é que ela não é inata, pois exige muito do nosso cérebro. Por isso, precisamos nos unir. Os números de leitores caem a cada dia. Precisamos de uma revolução. Uma revolução para o retorno das conexões humanas e com a natureza. E, como sabemos, as crianças são nosso hoje e nosso amanhã. Ler para uma criança, seja ela não alfabetizada, recém-alfabetizada ou leitora experiente, é resistência. É revolução. Em um mundo saturado por estímulos rápidos, escolher um livro é um gesto de presença e de escuta. É educação ambiental em sua essência, despertando a consciência para a vida, nutrindo a empatia, a imaginação e o senso de responsabilidade. Ler para uma criança cria vínculo, estimula o desenvolvimento neurológico, sustenta o aprendizado contínuo e fortalece a capacidade de expressão. Sem a leitura é impossível sonhar um mundo mais humano, justo e sustentável.

Palavras-chave: (1) Educação ambiental; (2) Desenvolvimento infantil; (3) Sustentabilidade, (4) Letramento ambiental; (5) Leitura e escrita.

Abstract: The profound transformations of the agricultural, industrial and digital revolutions are already felt by us. However, faced with the challenges of misinformation, the environmental crisis and the dehumanization of relationships, we need a new revolution: that of Reading and Writing. Reading and writing are extraordinary achievements of the human species. No other animal has developed these abilities. However, this incredible ability has been losing ground in the digital age, and one of the reasons is that it is not innate, as it demands a lot from our brain. That is why we need to unite. The number of readers

is falling every day. We need a revolution. A revolution to restore human connections and our connections with nature. And, as we know, children are our today and tomorrow. Reading to a child, whether they are illiterate, newly literate or an experienced reader, is resistance. It is revolution. In a world saturated with rapid stimuli, choosing a book is a gesture of presence and listening. It is environmental education in its essence, awakening awareness for life, nurturing empathy, imagination and a sense of responsibility. Reading to a child creates bonds, stimulates neurological development, supports continuous learning and strengthens the capacity for expression. Without reading, it is impossible to dream of a more humane, fair and sustainable world.

Keywords: (1) Environmental education; (2) Child development; (3) Sustainability, (4) Environmental literacy; (5) Reading and writing.

Introdução

A humanidade foi formada a partir de grandes revoluções. A Revolução do Fogo, onde os seres humanos começaram sua jornada no domínio e controle dos elementos da natureza, trazendo a possibilidade do aumento da ingestão calórica e, assim, podendo percorrer distâncias maiores, avançando no domínio territorial, e se firmando no topo da cadeia alimentar. Com uma dieta mais calórica, seus corpos ficaram mais nutridos e seus cérebros trabalharam mais, criando novas invenções como a roda, o que culminou para a próxima revolução, a Revolução Agrícola (BIELENBERG et al. 2010). Os humanos passaram a dominar práticas agrícolas e puderam firmar raízes, rumando para às sociedades que conhecemos hoje. As sociedades foram ficando cada vez mais complexas e isso gerou a necessidade de eternizar suas regras e orientações, culminando, dessa forma, na invenção da escrita. E que ideia fantástica essa, de você morrer, mas suas memórias não! Essas três etapas marcam o conjunto de revoluções do período Neolítico (BIELENBERG et al. 2010) que nos afastaram do modelo de vida primário

A Revolução Urbana foi responsável por aglomerar as populações em pequenos burgos (cidades), gerando o êxodo rural. Para suprir as necessidades desse novo modelo de sociedade passamos pela Revolução Industrial. Processos, antes artesanais, puderam ganhar volume de produção dentro das fábricas e assim atender às demandas do novo mercado. Essa grande expansão fomentou a globalização, e muito do que somos hoje é fruto da mentalidade criada a partir desse processo (BIELENBERG et al. 2010).

Tiveram outras tantas transformações que moldaram a sociedade até aqui, mas atentemo-nos para um último conjunto de processos, mais atual e complexo, que vale ser citado: a Revolução Digital e a quarta Revolução Industrial, dos quais conhecemos de perto, pois estamos vivendo e nos adaptando constantemente. Podemos dizer que estamos vivendo a história. Nessas revoluções, tudo está conectado: o banco, o trabalho, o lazer, o estudo, tudo na palma da mão, em milésimos de segundos. A isto, chamamos de Era da Informação, onde qualquer pessoa consegue ter acesso a informação que quiser. As vidas são invadidas por Inteligências Artificiais, que ouvem os indivíduos e direcionam os anúncios de acordo com cada interesse captado. Há possibilidade de ter, hoje, sensores inteligentes nas casas e cidades, sistemas automatizados que controlam fábricas inteiras de forma *on-line*, bancos digitais e hospitais de última geração, com cirurgias por vídeo feitas por braços mecânicos, dentre outras tecnologias

possibilitadas por avanços, como *Inteligência Artificial*, *Internet das Coisas* (IoT)¹, *Big data*² e *Computação em nuvem*³.

Uma nova era

Essa nova era conecta o físico, o digital e o biológico, transformando, não apenas os modos de produção e consumo, mas também as relações, o aprendizado e até a maneira como são tomadas decisões. A tecnologia, que antes era ferramenta estratégica e pontual, hoje, é parte essencial e invisível de quase todas as dimensões da vida humana.

É interessante fazer o exercício de pensar como seria voltar no tempo e contar o cotidiano de um indivíduo, hoje, para alguém dos anos 90, certamente julgariam que a sociedade estaria avançadíssima, com carros voadores e toda aquele sonho futurista que assistimos nos *Os Jetsons*⁴. Pensariam que estamos mais avançados, mais inteligentes, quem sabe até vivendo plenamente em paz.

É fato que muito se avançou, como as formas de prevenir e curar doenças, de locomoção mais rápida e segura, e até mais domínio no espaço, gerando novas e importantes descobertas. Mas estatísticas e estudos nos dizem que, em muitos aspectos, estamos regredindo. Problemas como o aumento de transtornos mentais, a queda no desempenho escolar e cognitivo das novas gerações, o agravamento das desigualdades sociais e os impactos ambientais severos, mostram que a tecnologia, quando usada de forma indiscriminada ou sem reflexão ética dos seus propósitos. Outro exemplo assustador é que hoje temos a primeira geração que possui um QI (quociente de inteligência) inferior ao da geração anterior (DESMURGET 2023). No Brasil, há um aumento de pessoas desacreditando da ciência e da educação, afirmando crenças em contextos já estudados e desmentidos, como: a Terra ser plana (BBC NEWS BRASIL 2017), a existência de reptilianos vivendo em nossa sociedade (BBC NEWS BRASIL 2018) ou que vacinas causam autismo (BBC NEWS BRASIL 2017).

Portanto, ao considerar o acesso e aumento das informações e dos meios como um grande avanço, não foi possível imaginar, antes, que poderia

¹ Internet das Coisas (IoT): conexão de objetos físicos à internet, permitindo que eles coletem, troquem e processem dados automaticamente, sem intervenção humana direta.

² *Big Data*: conjunto de dados muito grandes, variados e gerados em alta velocidade, que exigem tecnologias específicas para serem armazenados, processados e analisados com eficiência.

³ Computação em nuvem: recursos computacionais, como servidores, armazenamento, bancos de dados, redes, *software*, análises e inteligência, pela internet.

⁴ Desenho animado criado pelo estúdio Hanna-Barbera em 1962 sobre uma família que vive em uma comunidade futurista no ano de 2062.

ocasionar essa avalanche de desinformação e de diminuição da qualidade na saúde da população. Aquilo que parecia nosso antídoto virou um veneno. Além disso, o excesso de informações têm criado uma geração de adultos e crianças ansiosos e/ou depressivos, intolerantes à frustração e que não conseguem se proteger de falsas informações geradas por seres humanos de moral questionável ou até por *Inteligências Artificiais* (MACHADO 2024).

A queda dos QIs evidencia que algo que passamos a fazer com frequência têm minado nossa inteligência. A teoria da neuroplasticidade cerebral mostra que o cérebro é capaz de mudar suas conexões neurais através dos estímulos que damos à ele. Então, quais estímulos estamos deixando de dar aos nossos cérebros e quais estamos dando em excesso que justifiquem essa queda?

Todas as revoluções até aqui intencionaram ir adiante, rumo ao desenvolvimento da saúde, do intelecto, das grandes descobertas. Porém, quando há sinais, como perdas cognitivas, isso não revelaria, portanto, um esgotamento desse modelo de desenvolvimento? É preciso analisar:

— *Conheceremos mais o mundo que nos cerca ou nos afastará e nos anestesiará da realidade?*

É necessário certa maturidade para lidar com essa última revolução. Mas, infelizmente, a educação social não conseguiu acompanhar o andamento dessa revolução e a sociedade não preparou seus cidadãos para usufruir com sabedoria dos benefícios da Revolução Digital e se proteger dos malefícios. E com nossa capacidade cognitiva sendo diminuída a cada geração, temos visto mais e mais adultos incapazes de estudar, por serem verdadeiros analfabetos funcionais. Adultos têm perdido sua capacidade de ler, escrever e interpretar textos. Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2020)*, 52% da população brasileira não é considerada leitora, e 48% dos entrevistados afirmaram não ter lido nenhum livro nos últimos três meses. E entre os diversos motivos, o mais citado foi falta de tempo (34%) e desinteresse (14%). Esses dados revelam um país que está deixando de exercitar uma habilidade que, não apenas sustenta a aprendizagem de qualquer cérebro, mas também promove outras habilidades fundamentais para proteção socioambiental como autorregulação emocional, pensamento crítico e empatia. Isso, com os adultos, que não estão conseguindo lidar com tais tecnologias, mas e as crianças?! Estas, enfrentam um desafio ainda maior para desenvolver tais habilidades, considerando que, logo ao nascerem, são cercadas de tecnologias usadas com o objetivo de “proteger” ou “auxiliar” nos cuidados do bebê. A compreensão em relação à infância é um processo sócio-histórico-cultural complexo, e essas mesmas tecnologias podem também atrapalhar de conhecer e enxergar essa criança.

Em uma sociedade imediatista e de prazeres líquidos (BAUMAN 2001), ser criança “*não é certo*”, é necessário calar a voz, amarrar os movimentos e ignorar os questionamentos. E o jeito mais eficaz de fazer isso é: desconectando essas crianças do mundo, de si mesmas, da sociedade e da natureza. Prendendo-a sob quatro paredes e a colocando-a fissurada diante de uma tela com um pedaço de plástico na boca. Isso é “para seu bem”, muitos vão dizer. Os números de crianças hospitalizadas com braços quebrados caiu vertiginosamente nos últimos 20 anos (HAIDT 2024). A princípio, esse número parece bom, mas ele revela uma sociedade que tem emparedado, aprisionado e não respeitado as crianças, pois sequer permitem que, estas, sejam aquilo que nasceram para ser: movimento.

Portanto, temos uma geração que nasce cercada de telas, que aprende a deslizar os dedos antes mesmo de aprender a comer, falar, andar ou brincar. Estão o tempo todo sendo “desconectadas” de suas realidades, sendo privadas do contato com a natureza. Não é exagero dizer que muitas crianças hoje têm menos contato com a natureza do que presidiários em regime fechado, uma vez que estes são “obrigados” a passar 2 horas por dia no sol. Estudos mostram que a infância contemporânea passa mais tempo em ambientes fechados do que qualquer outra geração anterior (KARSTEN 2005).

As consequências são vistas na saúde humana e também no meio ambiente. As crianças não conhecem mais a natureza, não sabem os nomes dos pássaros, das árvores, das frutas. Substituímos a luz e o calor do Sol pelas luzes artificiais das telas. É possível fazer um teste consciente, assistindo a um documentário “*sobre a natureza*”, nas telas gigantes, cheias de cores, e depois observando como a vida real fica meio opaca e sem cor no contraste do que foi observado na tela, e que o cérebro tem dificuldade de processar: um desenho possui em média 24 FPS (frames por segundo), isso quer dizer que precisamos codificar 24 imagens em 1 segundo, e isso é muito mais do que o cérebro foi projetado para absorver (DESMURGET 2023). Nosso corpo têm sido moldado aos ritmos das máquinas e isso é insustentável. Os ritmos da natureza nos ensinam sobre paciência, sobre transições. Vamos pegar o exemplo das estações do ano e a produção natural de alimentos: não podemos ter verão o ano todo, pois a natureza tem seu ritmo, a Terra gira e o Sol incide de formas diferentes ao longo do ano, depende da região do globo em que você se encontra. Aceitar essa natureza nos ajuda a aceitar outras situações cotidianas que simplesmente precisamos conviver, e que possui um equilíbrio. Os frutos do verão têm um sabor, os do inverno, outro. Se mudamos esse ritmo, teremos frutos mais azedos, amargos e menores. Sem o auxílio de tecnologias seria impossível comer morangos no verão, e ter acesso a isso permite enxergar outra forma de viver a vida. Aceleramos o vídeo, pulamos de entretenimento em entretenimento, o tempo todo ocupados, sem pausas, sem espera, tudo

descartável, inclusive os humanos, o contato social. Estamos gerando cidadãos ansiosos, depressivos, acelerados e desumanizados.

É necessário pensar e agir para fomentar uma educação para a sustentabilidade, indo na contramão de uma sociedade doente. Pensar, portanto, em uma sociedade empática, capaz de ter senso crítico, compreender o ambiente social, que é um ambiente além de si, e que consiga articular saberes multidisciplinarmente. Como fomentar essa lógica em uma sociedade que a cada ano se afasta mais da sua essência, cala suas crianças e anestesia sua humanidade? É impossível não pedir por uma nova revolução.

A nova Revolução precisará dar uns passos para trás, pois passamos do ponto. Será uma revolução silenciosa, que não dependa de máquinas ligadas, nem de investimentos milionários. Uma revolução que precisa ser acessível para ser eficiente. Ela pode começar no colo, ou no chão, ou no quintal ou no parque. Será a *Revolução da Leitura*. Revolução esta que precisa ser focada no futuro, ou seja, nas crianças. Crianças são nosso futuro, mas muito mais que isso são nosso “agora”, elas nos convidam a olhar para o essencial, quem já cuidou de um bebê sabe o quando isso é verdade e profundo. Bebês humanos exigem uma presença integral, seu desenvolvimento é ao mesmo tempo rápido, mediante as diversas habilidades que vamos adquirindo, porém lento, pois finalizamos o desenvolvimento cerebral por volta dos 24 anos (SIEGAL 2015). Crianças precisam do cuidado e da orientação dos adultos por muito tempo, mas isso não quer dizer que elas não tem nada para nos ensinar. Elas possuem um encantamento natural pela natureza, uma flor, areia, água, formigas caminhando, pedrinhas no caminho seguram sua atenção, elas param tudo para observar o que a natureza tem para ensiná-las. Os adultos, por sua vez, vão perdendo essa sensibilidade, passam pelas belezas da natureza de forma desatenta, perdemos a noção de que a natureza ensina. O adulto é apressado, focado num concluir que nunca se finda, e o que é pior, contaminam as crianças. Adultos dizem “*não mexa nisso, vai sujar*” e poda a criança de sua curiosidade e conexão natural. Adultos dizem “*eca, vai sujar*” contaminando o olhar atento e afetuoso que as crianças têm para com à terra, e assim os adultos vão retirar das crianças esse encantamento pela natureza. A leitura entra como ferramenta promotora de saúde, conexão, aprendizado, afeto e da humanidade. É através dessa conexão proposta pela leitura compartilhada, sobre ou submersa nesse ambiente natural que vamos evidenciando para as crianças que elas pertencem à natureza. E é com esse pertencimento que conseguimos fomentar a sustentabilidade de verdade, por que o que não é a sustentabilidade se não ações que transpassam por toda as necessidades do ser humano?! Sem pertencimento qualquer ação sustentável se torna superficial ou irrelevante.

— *E por que a leitura teria tanto poder? Você deve estar se perguntando.*

A leitura é a verdadeira academia cerebral. Essa habilidade exige esforço cognitivo e treino neuronal constante. Porém, mais de 53 % da população com 5 anos ou mais não leu nenhum livro nos últimos três meses, e o número de leitores caiu de 56 % em 2015 para 52 % em 2019, perda de 4,6 milhões de leitores (INSTITUTO PRÓ-LIVRO 2020). O cenário é preocupante. Nossos cérebros estão se habituando ao consumo instantâneo de dopamina gerado pelo uso das telas recreativas (DESMURGET 2023) e sendo privados do exercício que fortalece as funções executivas, a empatia, o pensamento crítico, e que é até fator protetivo para doenças degenerativas como Alzheimer (STERN 2013). As telas - principalmente as recreativas - são o sedentarismo cerebral, oferecendo dopamina em altas doses sem esforço algum. Nosso corpo não está preparado para essa dinâmica e por isso, nos leva a perdas cognitivas e por fim, ao vício (DESMURGET 2023). Podemos inferir que nossos cérebros - e os das crianças - estão realmente apodrecendo⁵.

Nesse contexto, retomar a prática da leitura é o antídoto. E a leitura compartilhada entra como uma proposta simples de retomada desse hábito, fomentando uma sociedade saudável. Ao fazer uma leitura compartilhada, crianças e adultos são beneficiados pela ativação de múltiplas regiões cerebrais (visão, linguagem, memória, emoção), fortalecendo vínculos afetivos e aumentando significativamente o vocabulário e a compreensão textual e, por que não, de mundo (DESMURGET 2023). Quando um adulto lê para uma criança, não está apenas ensinando palavras: está ajudando a moldar como ela percebe e se relaciona com o mundo. Ela modula sua forma de agir, sendo generosa na partilha do momento e também através dos conteúdos do livro. E isso inclui, de forma profunda, a relação com a natureza.

A revolução está em ir contra o *modus operandi* atual, em um mundo saturado por estímulos rápidos, escolher um livro é um gesto de persistência e luta. E mudança é a essência da educação ambiental, logo qualquer transformação do ser, que desperte a consciência, fomente a empatia e gere o senso de responsabilidade têm potencial para modificar a sua sociedade. Ler para uma criança gera mudanças no alicerces de uma sociedade. O potencial transformador existente nas ações conscientes dirigidas às crianças chega a ser imensurável. Uma sociedade que investe na infância colhe frutos prósperos. Exemplos não faltam, como Finlândia, Coreia do Sul, Uruguai e China (OECD 2017).

Além do mais, a literatura, sobretudo a infantil, tem a força de simplificar de forma criativa temas complexos. Sustentabilidade é um tema

⁵ "*Brain rot*" é um termo informal usado nas redes para descrever a suposta deterioração do estado mental ou intelectual de uma pessoa devido ao consumo excessivo de conteúdo online recreativo, especialmente nas redes sociais. É como se o excesso de estímulos superficiais e pouco desafiadores, como vídeos curtos e memes, levasse a uma espécie de "apodrecimento cerebral".

complexo, esbarra em diversas áreas, é difícil pensar simplesmente em causa e efeito e ainda demanda análise temporal. Bons títulos infantis têm o poder de apresentar a natureza e sua complexidade de forma simbólica, poética e significativa. Permite que as crianças se aproximem de conceitos como biodiversidade, biomas, desmatamento, poluição, e reciclagem, de forma leve. Histórias mexem com nosso emocional pois trazem mensagens de esperança, identificação, e podem gerar prazer, sendo também divertidas. Essa forma de expressão permite que criemos um vínculo afetivo com o que lemos, e isso pode ser base de qualquer agir no mundo. Uma mudança de comportamento em prol da sustentabilidade pode vir mais facilmente quando atrelado ao envolvimento emocional e sendo de pertencimento. Não adianta ensinar sobre coleta seletiva, abelhas sem ferrão, horta, compostagem, sem que todos se sintam parte. A literatura é tão potente que, mesmo livros que não tratam diretamente de temas ambientais, podem contribuir para a educação para sustentabilidade com ricos diálogos, por exemplo, quando promovem discussões sobre empatia, diversidade, interdependência, solidariedade, inclusão, democracia, paciência, e tantos outros temas.

Considerações finais

É através de um letramento ambiental como esse, um caminho de diálogo com as crianças sobre o seu agir no mundo, trazendo a oportunidade de a infância habituar-se e desenvolver-se fora das telas. O envolvimento emocional fomentado pela leitura compartilhada permite a troca humana, e quando feita de forma intencional, permite a vivência na natureza. O encantamento gerado pela leitura sobre e na natureza pode criar raízes profundas que encharcam o âmago das crianças com o desejo de transformar sua vida.

Considera-se, portanto, que, sem a leitura crítica compartilhada é impossível sonhar um mundo mais humano, justo e sustentável. Mais do que nunca, precisamos de crianças (e adultos) que saibam nomear os bichos, as árvores, as estações do ano. Que entendam o ciclo da vida, da água, que conheçam as histórias da terra onde vivem. É preciso preocupar-se em formar leitores que sejam também observadores, sonhadores, cuidadores, presentes para, assim, fomentar uma educação ambiental em essência, que é compreendida e reconhecida socialmente, que faz parte do individual e coletivo, de um todo. E isso começa com o simples, o acessível, o cotidiano: um adulto e uma criança sentados juntos, lendo um livro.

Referências

BAUMAN, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BBC NEWS BRASIL (2017). “A história que deu origem ao mito da ligação entre vacinas e autismo”, *BBC News Brasil*, 19 jul. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40663622>. Acesso em: 29/07/2025.

____ (2017). “Quem são e o que pensam os brasileiros que acreditam que a Terra é plana”, *BBC News Brasil*, 14 set. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41261724>. Acesso em: 29/07/2025.

____ (2018). “A seita que acredita que o mundo foi colonizado por aliens e preocupa governo holandês”, *BBC News Brasil*, 2 abr. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43609010>.

Acesso em: 29/07/2025.

BIELENBERG, Christian; BOSCHMA, Jan; GRUNEBAUM, Hans; JACOBS, Wim & SCHOLLIERS, Peter (2010). *História das agriculturas no mundo*. Tradução: Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. 1. ed. São Paulo, Editora UNESP.

DESMURGET, Michel (2023). *Faça-os ler!: Para não criar cretinos digitais*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo, Vestígio.

HAIDT, Jonathan (2024). *A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (2020). *Retratos da Leitura no Brasil*. 5. ed. [S. l.]. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 28/07/2025.

KARSTEN, L. (2005). “It all used to be better. Different generations on continuity and change in urban children's daily use of space”, *Children's Geographies*, 3(3), 275-290. 2005. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14733280500352912>. Acesso em: 29/05/2025.

MACHADO, S. (2024). “Eram meu rosto e minha voz, mas era golpe’: como criminosos ‘clonam pessoas’ com inteligência artificial”, *BBC News Brasil*, São José do Rio Preto (SP), 28 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1jv45dq3go>. Acesso em: 28/07/2025.

OECD (2017). *Starting Strong 2017: Key OECD indicators on early childhood education and care*. Paris: OECD Publishing. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/starting-strong-2017_9789264276116-en. Acesso em: 29/07/2025.

SIEGAL, Daniel J. & BRYSON, Tina Payne (2015). *O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar*. Tradução de Cássia Zanon. São Paulo, nVersos.

STERN, Yaakov (2013). *Reserva cognitiva: teoria e aplicações*. Tradução de Ana Beatriz Siqueira Mendes. Porto Alegre, Artmed.

Sobre a autora

Claudia Parucce Franco Okamoto é educadora ambiental, bacharel em Gestão Ambiental pela USP e estudante de Pedagogia pela UNIVESP. Fundadora da Plantare Educação, uma iniciativa que busca inovar na produção de recursos didáticos como produção de livros e jogos infantis sobre sustentabilidade, além de atuar com oficinas e formação de educadores. É consultora da VI Conferência Nacional Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente pelo MEC e possui certificação da *Greening Education Partnership* (UNESCO). Também desenvolve conteúdos técnicos e criativos sobre letramento ambiental nas redes sociais, com foco em infância e sustentabilidade.